

CHAMA: ENTRE A DISTOPIA E O SONHO

THIAGO THIAGO DE MELLOⁱ

Sexta-feira à noite. Toca o telefone da rádio Roquete-Pinto, no prédio imponente da Avenida Erasmo Braga, no Centro do Rio. Era Eliana Caruso, a presidente da rádio em 2012, perguntando, curiosa, que programa era aquele que estava no ar, com uma *música clássica* interminável. O programador foi sucinto: “É o pessoal do Coletivo Chama”. “Ué, mas eles não são aquele grupo de jovens, novos compositores, contemporâneos?”, indagou Eliana.

Essa história, ao gosto anedótico, é uma boa maneira de começar a pensar o Coletivo Chama, formado no Rio de Janeiro, nos estertores de 2011. Pois o Coletivo sempre provocou uma certa quebra de expectativa. Quando se esperava utopia, niilismo. Quando se pedia protesto, era o riso desconcertante que irrompia. Diante das distopias, vínhamos com o sonho.

A nossa união foi muito curiosa. Gosto de pensá-la como um *tecer*, como uma tomada de consciência que impulsionou a formação (o entrelaçamento) de uma rede de artistas, público e crítica. Todos nós estávamos na faixa dos 30 anos, éramos compositores, a maioria tinha disco lançado. Nossos projetos individuais já estavam na “praça”. Condenávamos posturas que julgávamos complacentes e servis diante do mercado. Tínhamos uma audição crítica do Tropicalismo e seus desdobramentos na cena contemporânea. Com isso, realizamos uma revisão conceitual do nosso próprio campo, ou seja, o da música popular brasileira, da MPB e da cena contemporânea.

Na época, eu estava no último ano do meu Doutorado em Ciências Sociais, pela Uerj, e trabalhava justamente na pesquisa sobre a produção musical de alguns dos artistas com os quais formaríamos o Coletivo: Thiago Amud, Edu Kneip, Pedro Sá Moraes. Ao longo de 2011 eu entrevistei mais de uma dezena de compositores do Rio. Com Thiago Amud foram umas 6 entrevistas, pelo menos. Ele era o mais inquieto, o que estava com mais garra para pensar comigo o lugar dos novos artistas da MPB na segunda década do século, iniciado com a declaração de Chico Buarque sobre o “fim da canção”. Muito já

se falou e polemizou sobre esse assunto, mas penso que ali na fala de Chico havia a constatação sobre a mudança de cenário, e de mercado, da música popular no Brasil. As culturas das periferias, os movimentos sociais, as minorias políticas, o hip-hop, tudo isso já representava um novo Brasil. E nós éramos cancionistas e cantadores que, filhos (talvez bastardos) da MPB, tínhamos que saber nos colocar dentro dessa cena multifacetada. Nesse sentido, o Chama é resultado de um plano de ação e aquilo que incendiaria o pavio.

Amud estava consciente desse novo Brasil. Ele estava por dentro. Era essa a percepção que tive quando começamos a conversar. Em termos antropológicos, ele foi meu “informante” especial sobre o campo de pesquisa. Eu o conhecia há poucos anos. Em 2008, ele e Edu Kneip faziam noites inesquecíveis no Bar Semente, na Lapa. Depois, a eles se juntaram a cantora Mariana Baltar e o pandeirista Sergio Krakowski. Eram os Sonâmbulos. Eles tocavam suas músicas e depois, na parte final, havia espaço para “canjas” de outros músicos. Na época, eu tinha um grupo com Renato Frazão e Lucas Dain, o Escambo. Nós chegamos a participar uma vez de uma dessas noites.

No início de 2011, eu marquei uma conversa com Amud, num restaurante do Largo do Machado. Depois disso, toda semana nos encontrávamos e eu gravava nosso papo. Ele tinha lançado no ano anterior seu primeiro disco, *Sacradança*, e quase não se falou dele na imprensa, na crítica musical. Isso acontecia com muitos discos de artistas aqui do Rio, o que denotava um descompasso, uma falta de ambiente para as obras circularem. Sem dúvida foi a percepção desse desequilíbrio artista-público-crítica que engendrou o Coletivo Chama.

O que havia? Muitos compositores novos querendo fazer show e gravar disco. No fim daquele ano o Escambo fez uma pequena temporada de 3 concertos no Bar Semente. Em cada noite recebíamos convidados. Na última apresentação tivemos conosco a dupla Amud-Kneip. No ensaio para o show, na casa do Renato, mostramos, uns aos outros, nossas músicas novas. Lembro do Thiago alucinado com as canções. Edu, não menos impressionado. Ficamos admirados uns com os outros, com vontade de criar algo juntos.

Fizemos o show e, ao término, Amud convocou uma pequena reunião ali mesmo, dentro do recinto. Além de mim, Renato, e Edu, também estavam Ivo Senra, André Felix e Cezar Altai. Com euforia e sangue nos olhos, Amud sentenciou: “temos que nos unir, temos que nos mobilizar para viabilizar nossas carreiras e nossa produção artística”. Foi dado o grito de guerra do Coletivo Chama, naquela noite quente de dezembro.

Marcamos nossa primeira reunião, no Bar Palhinha, no Humaitá. Estavam presentes Thiago Amud, Edu Kneip, Renato Frazão, Marcelo Fedrá, Pedro Sá Moraes, Ivo Senra, Cezar Altai, André Felix e eu. A partir dali passamos a nos encontrar com frequência, pelo menos uma vez por semana. Havia muita conversa e reflexão sobre o cenário da música popular brasileira, sobre o que significava ser “contemporâneo”, sobre o papel da imprensa especializada, sobre propor uma nova escuta, um novo “ouvido” musical. Mas, desde cedo, havia uma preocupação com a produção e a viabilização de nossos projetos. A ponto de raramente tocarmos juntos para “fazer um som” em nossas reuniões. Nesse ponto éramos bem cerebrais.

Nos primeiros meses, de intensos e às vezes tensos encontros, o coletivo foi ganhando forma. Alguns saíram do grupo e outros entraram, como foi o caso de Sergio Krakowski, Fernando Vilela e Ludmila Teixeira, nossa produtora. O nome Chama, se não me engano, veio de uma sugestão do Amud. Era uma gíria falada por nós: “chama” uma música, “chama” uma cerveja, fulano “chamou” (mandou bem). Era um termo celebrativo. Ao mesmo tempo, era o fogo – que tudo estremecia e modificava –, era a arché de Heráclito e, com isso, o duelo constante de ideias, o devir, o imprevisível e a impermanência.

Esse caráter de *compositores que são produtores* foi se moldando como uma espécie de necessidade do artista contemporâneo. Até se chegar ao produto (o show, o projeto, o programa de rádio) havia muita discussão. Nesse sentido, o Coletivo sempre foi um grande aprendizado, ainda mais porque somos indivíduos com nossas diferenças e especificidades e nosso amálgama é sempre insuspeito e vário. A experiência de participar de um coletivo de compositores é estar disposto ao diálogo, ao enfrentamento de posições, a contribuir com o outro, a ouvir e ao mesmo tempo saber expressar bem suas ideias. Por isso, às vezes penso o Chama como *ágora*, como aprimoramento da nossa linguagem artística, como um esgarçar de fronteiras. Tratávamos de sair de nossa zona de conforto para que isso fosse um convite a que os outros também o fizessem. “Chamar” era ir além, como se o chão estivesse muito quente para ficarmos no mesmo lugar.

Foi dando liga. A arte e a produção se entrelaçando, os projetos saindo do forno. Fomos aprendendo com nosso convívio, nos deixando ser influenciados por tanto pensamento e informações novos que chegavam de nossas mentes incomodadas. Assumíamos, muitas vezes, uma persona complexa que unia cinismo, provocação,

lirismo, romantismo, niilismo, religiosidade, crença, indignação, idealismo. O Rádio Chama foi, talvez, onde esses traços díspares mais se mostraram.

Ficamos no ar durante 5 anos, de 2012 a 2017. Toda sexta-feira à noite íamos ao ar com um programa inédito, de uma hora de duração. O mais interessante eram as misturas que fazíamos, que estavam também nos próprios arranjos com os quais gravávamos nossas canções – e nesse ponto Ivo Senra e Thiago Amud são absolutamente arrojados, inovadores e inventivos. Na rádio tocávamos Xangai, Red Hot Chili Peppers, Debussy, Roberto Carlos e Mahler. No outro programa apareciam Tom Jobim, Gustavito, King Crimson e Shostakovich. E na semana seguinte, Elomar, Led Zeppelin e Manduka. Era nesse nível. Nos primeiros anos, os programas eram roteirizados, dava um trabalho enorme de fazer. Mas como aprendíamos, meu Deus! Éramos levados pela intuição, pela poesia, pelo deboche. Ah, sim, porque a gente se divertia muito fazendo. A gente ria um bocado.

Em pouco tempo de Coletivo já tinha muito trabalho. Reuniões toda semana, programa de rádio, novos discos sendo gravados por cada um de nós, shows, espetáculos que uniam música, poesia, dramaturgia e crítica. Fizemos espetáculos na Bahia, no Ceará, Brasília, Curitiba, Belo Horizonte, Nova Iorque. E, com isso, foi se ampliando também nosso público, a ponto de constituirmos uma espécie de nicho na plural fauna musical brasileira. Muitos artistas, professores e pensadores estavam à nossa volta. A rede foi crescendo, do poeta alagoano José Inácio Vieira de Melo a Christoph Türcke, o filósofo alemão; do ator Paulo Betti ao rapper Dexter; de Elke Maravilha aos Junkie Dogs, grupo roqueiro de Belo Horizonte.

Nosso lado cerebral adorava uma festa. Transitávamos entre mundos. Íamos do sagrado ao hiper profano em segundos. Derrubávamos as paredes da emoção, indo do choro contido ao riso descontrolado, do som celestial aos grunhidos das guitarras. Nesse diapasão entre a piada e a prece, o jocoso e o sério, fomos achando nosso tom. Gravamos nosso disco, “Todo mundo é bom”, que começou a ser pensado logo no início dos nossos encontros, ainda em 2012, e foi lançado em 2016.

O disco reunia canções de todos nós que, enfim, fomos o Coletivo: Thiago Amud, Renato Frazão, Cezar Altai, Fernando Vilela, Ivo Senra, Pedro Sá Moraes, Sergio Krakowski e eu. Contava ainda com uma parceria de Demarca com Frazão. Kristoff Silva, artista fundamental de Belo Horizonte, foi o cantor da música que abre o disco, “Boa

praça”, de Altai. Os arranjos, de Senra e Amud, são um capítulo especial. Ousados, fora do comum, atrevidamente pensados, nota a nota. Prevendo um silêncio por parte da crítica sobre nosso lançamento, resolvemos (acho que a ideia foi de Paulo Almeida, nosso assessor de imprensa e grande amigo) gravar uma série de vídeos sobre músicos falando sobre o disco. Foi lindo (e está no Youtube para quem quiser assistir) ouvir as palavras atentas e curiosas de Danilo Caymmi, Guinga, André Mehmari, Nelson Ângelo, Antonio Carlos Secchin, Paulo Sabino, Pedro Sá e tanta gente boa. Túlio Ceci Villaça escreveu em seu blog uma crítica consistente sobre nosso trabalho. Salve engano, creio que os jornais não deram qualquer nota sobre o disco.

Após o show de lançamento de “Todo mundo é bom”, em setembro de 2016, no Rio, o Coletivo foi lentamente se dissolvendo. Os encontros foram ficando mais raros; os projetos, mais escassos. O Rádio Chama acabou. O fogo se espalhou: poucos de nós ficaram no Rio.

Olhando nossa história pela perspectiva de hoje, agradeço por termos conseguido levar adiante a chama imemorial da inquietude, da poesia, do lirismo, do riso e da provocação num tempo em que nosso país viu crescer a luta por ampliação e defesa dos direitos sociais mas, ao mesmo tempo, viu crescer também o embrutecimento das relações sociais, a perda de garantias constitucionais, o golpismo e o avanço da extrema direita. Não deixa de ser interessante a relação entre o arrefecimento do Chama e a eleição de Bolsonaro, pois de alguma maneira fomos uma instância crítica da esquerda no campo da cultura, que por sua vez foi duramente atacado e desmobilizado em seu governo. Talvez não fizesse mais sentido perturbar o campo sonoro como vínhamos fazendo, nem zombar da MPB “fofinha”. As lutas seriam outras. A esquerda teve que se reorganizar. Nós, também. Quem sabe novos ventos não tornem a atizar a chama?

ⁱ **Thiago Thiago de Mello** é Doutor em Ciências Sociais pela UERJ, com bolsa-sanduiche da CAPES na Universidade de Salamanca (USAL), na Espanha. É também poeta, compositor, cantor e letrista de música popular. Entre suas obras musicais destacam-se seus dois álbuns solo *Amazônia Underground* (2017) e *Amazônia Subterrânea* (2020). Como escritor, lançou seu primeiro livro, *Uma varanda no meio do rio*, em 2023 pela Editora Impressões de Minas. Atualmente é professor de Sociologia em escolas no Rio de Janeiro e integra a banda Selva lírica.
E-mail: thiagothiagodemello@gmail.com